



NUNO CAMARINHO
Universidade
de Aveiro
nfc@ua.pt

ESCRITA DE FICÇÃO

Os desafios de aceitar um novo desafio obrigam a um trabalho de pesquisa e análise. Afinal, o que é ficção?

Após alguns anos a rejeitar convites similares, acabei por aceitar a responsabilidade de lecionar um curso de escrita criativa na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa. O título do curso é Escrita de Ficção e os alunos vêm de áreas muito diferentes: Ciência, gestão, economia, filosofia, artes e conservação e restauro. A primeira pergunta que me coloquei ao preparar o curso foi: Que interesse tem um curso de escrita de ficção para quem não quer ser escritor? E logo outra, ainda mais difícil: O que é, exatamente, a ficção?

Decidi começar pela segunda, esperando que iluminasse a primeira. Fui procurar no dicionário e registei as várias definições:

Ficção (s.f) 1 Ato ou efeito de fingir. 2 Invenção fabulosa ou engenhosa. 3 Criação de carácter artístico baseada na imaginação. 4 Fábula. 5 Interpretação ou relato subjetivo de um facto ou de uma ideia. 6 Suposição do orador para abrilhantar ou reforçar o discurso.

Da primeira podemos questionar o valor ético, mas não a utilidade. Não é só o poeta que é um fingidor, todos o somos em alguns (muitos) momentos.

Quanto ao poder inventivo e à criação baseada na imaginação, são ferramentas fundamentais em todas as áreas, particularmente na ciência, que exige que esteja-

mos preparados para imaginar o que ninguém ainda imaginou. Sem esse poder e sem essa invenção, não teríamos a relatividade ou a teoria da evolução.

Da fábula somos todos íntimos, em crianças através das histórias que nos contam, mais tarde das que contamos a outros e a nós mesmos. A forma como nos vemos, os modelos sociais e económicos, a importância que atribuímos ao que nos vai sucedendo são tudo fábulas que se aguentam enquanto acreditarmos nelas.

A interpretação é outra forma de ficcionar, de dar valor e sentido ao que vemos e ouvimos. Deduzir o todo a partir das partes, descobrir o passado e intuir o futuro, também isso são ficções.

Finalmente a retórica, alguém lhe está imune? Nos relatórios que produzimos, nos projetos a que concorremos, mesmo nos artigos, por mais científicos que sejam, não haverá sempre um esforço para abrilhantar ou reforçar o discurso? Quem nunca abrilhantou que atire o primeiro superlativo.

Afinal a ficção não é apenas coisa de romancistas, e mais me tranquiliza a minha decisão. A ficção é do que somos feitos e damos-lhe uso a todas as horas do dia. É talvez um efeito secundário de sermos humanos, ou será exatamente ao contrário?